

POSSÍVEIS CORREDORES ECOLÓGICOS PARA AS PRINCIPAIS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

Ana Cecilia Holler del Prette^{1*}, Mariana de Brito Damasco¹, e Eraldo Aparecido Trondoli Matricardi¹.

*E-mail: anacecilia.holler@gmail.com

¹Universidade de Brasília – Departamento de Engenharia Florestal (UnB/EFL). Caixa Postal 04357 - 70919-970 Brasília – DF, Brasil

INTRODUÇÃO

A alta biodiversidade brasileira vem sendo ameaçada por atividades socioeconômicas e urbanização (Pires *et al.*, 2006). A fragmentação de áreas naturais gera desequilíbrio na manutenção das comunidades naturais (Maués & Oliveira, 2010; Pedro *et al.*, 2012), causando isolamento populacionais, alterações no fluxo gênico, endemismos e extinções (Saunders *et al.*, 1991). Estudos baseados na teoria de biogeografia de ilhas indicam que a construção de corredores ecológicos é fundamental para ampliar a dinâmica do fluxo da fauna entre esses fragmentos (Arruda & Nogueira de Sá, 2003), contribuindo para sua conectividade, aumentando o tamanho e as chances de sobrevivência das populações, formando metapopulações (Moreira & Rodríguez, 2010). Apesar da fragmentação presente nas áreas naturais dentro do Distrito Federal (DF), as áreas preservadas são de grande importância, possuindo endemismos, animais com grande área de vida, migrações e dispersões, que podem ser prejudicados pela urbanização. O presente estudo buscou identificar áreas que podem funcionar como corredores ecológicos para as principais Unidades de Conservação (UC) do DF.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram utilizados os limites em formato vetorial da região e das UCs localizadas no DF. As UCs utilizadas foram Área de Proteção Ambiental Gama Cabeça de Veado (APAGCV), Estação Ecológica Águas Emendadas (ESECAE) e Parque Nacional de Brasília (PNB). Para criar os corredores ecológicos, foram gerados custos de superfície para cada categoria de uso e cobertura da terra analisada, baseados na relevância da presença da categoria em um possível corredor (custo menor para áreas naturais e custo maior para áreas urbanizadas). Foram gerados três mapas de custos: solo, declividade e sistema de transporte através do programa ArcMap 10.3® e exportados em formato de imagem, a fim de serem melhor analisadas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O corredor modelado para APAGCV-ESECAE contemplou regiões de vegetação típica de cerrado e áreas de chácaras, mas perpassa por propriedades privadas, que pode ser um obstáculo para implementação do corredor ecológico. O corredor PNB-ESECAE apresentou um melhor cenário contemplando em sua maioria as áreas de baixo custo para sua efetiva implementação. O corredor PNB-APAGCV não apresentou alternativas satisfatórias nas duas opções geradas, pois o corredor está bastante fragmentado e inclui áreas urbanas. Tão importante quanto criar novas áreas protegidas, é estabelecer uma estratégia de manejo que busca a manutenção das áreas naturais que já estão sendo preservadas. A criação de corredores ecológicos pode ser uma alternativa de combate ao isolamento dessas áreas, principalmente quando consideramos o meio urbano. Além disso, áreas verdes em meios urbanos têm efeito direto na saúde física e mental das pessoas (Bargos & Matias, 2011) e também geram serviços ecossistêmicos benéficos.

CONCLUSÃO

Para a criação dos corredores ecológicos identificados neste estudo, recomenda-se a priorização de conservação e recuperação dos remanescentes de vegetação nativa, especialmente em áreas de proteção permanente, para favorecer o fluxo da fauna e flora. Assim, são necessários investimentos em políticas públicas que visem a implementação de estratégias de manejo de áreas protegidas, bem como programas de educação ambiental voltados para a conscientização da população sobre a importância da preservação de áreas naturais, dentro e fora de cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, M.B.; NOGUEIRA DE SÁ, L.F. 2003. Corredores ecológicos: uma abordagem integradora de ecossistemas no Brasil – Brasília: Ibama. 220 p.
- BARGO, D.C.; MATIAS, L.F. 2011. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. Soc. Bras. de Arborização Urbana - REVSBAU, Piracicaba – SP, v.6, n.3, p.172-188.
- MAUÉS, M.M.; DE OLIVEIRA, P.E. 2010. Conseqüências da fragmentação do habitat na ecologia reprodutiva de espécies arbóreas em florestas tropicais, com ênfase na Amazônia. Oecologia Australis Mar 27;14(1):238-50.
- MOREIRA, J.M.A.P.; RODRIGUEZ, L.C.E. 2010. A incorporação de corredores de conectividade no manejo de florestas industriais utilizando a heurística da RazãoR. Revista Economia e Sociologia Rural vol.48 no.2.
- PEDRO, W.A.; GERALDES, M.P.; LOPEZ, G.G.; ALHO, C.J. 2012. Fragmentação de habitat e a estrutura de uma taxocenose de morcegos em São Paulo (Brasil). Chiroptera Neotropical, Jan 1;1(1):4-6.



PIRES, A.S.; FERNANDEZ, F.A.; BARROS, C.S. 2006. Vivendo em um mundo em pedaços: efeitos da fragmentação florestal sobre comunidades e populações animais. *Biologia da Conservação: essências*. São Carlos, RiMa, 582p. 231-60.

SAUNDERS, D.A.; HOBBS, R.J.; MARGULES, C.R. 1991. Biological consequences of ecosystem fragmentation: a review. *Conservation biology* Mar 1;5(1):18-32.

AGRADECIMENTOS

XIV CEB, UnB